



A IMPORTÂNCIA DA LINGUAGEM COMO UMA PRÁTICA SOCIAL NA FORMAÇÃO DOCENTE EM NÍVEL MÉDIO

BASTOLLA, Fernanda Falconi¹; SOUZA, Antonio Escandiel de²;

Palavras- Chave: Diálogo. Docência. Prática. Mudança.

INTRODUÇÃO

A docência e o ensino-aprendizagem vêm sendo debatido nos mais variados espaços e momentos sociais, pois para que se tenha uma educação de qualidade evidenciam-se as construções sociais, ou seja, interações e ambiente que passam pelo saber docente. Vemos, portanto, que a linguagem como uma prática social muito tem a acrescentar neste processo, pois é na/pela linguagem que o indivíduo se constitui enquanto sujeito da sociedade (BENVENISTE, 2008).

A linguagem como prática social denota um processo de interação que operacionaliza a vida social, porque a multiplicidade de práticas discursivas leva às mudanças sociais quando se utiliza recursos linguísticos empregados pelos atores e/ou grupos sociais no ato da interação dialógica, a partir de reflexões sobre determinada temática ou ações.

Desta forma, Bakhtin (2000, p. 289) destaca que todas as esferas da atividade humana, por mais variadas que sejam, estão sempre relacionadas com a utilização da língua. [... o enunciado reflete condições específicas e as finalidades de cada uma dessas esferas, não só por seu conteúdo...]

Nesse sentido, é preciso estar atento ao impacto da linguagem na sociedade, pois é muito mais do que as palavras que pronunciamos ou escutamos, de maneira que nos

¹Mestranda do PPG em Práticas Socioculturais e Desenvolvimento Social. Especialista em Linguística no Ensino de Línguas e Literatura. Graduada em Letras –Port. Inglês. Professora da Universidade de Cruz Alta-Unicruz e da Rede Estadual – RS. Participante do Grupo de Estudos Linguísticos – GEL/UNICRUZ. E-mail: febastolla@yahoo.com.br

²Doutor em Linguística aplicada pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS); Docente coordenador Adjunto do Programa de Pós-graduação em Práticas Socioculturais e Desenvolvimento Social de Cruz Alta (UNICRUZ); Pesquisador Líder do Grupo de Estudos Linguísticos – GEL/UNICRUZ. email: asouza@unicruz.edu.br



relacionarmos mediados pelas práticas discursivas, produzimos posicionamentos, enunciados e interações dialéticas com propósito de mudanças, delineando concepções e variações de um mundo social, determinada por seu contexto.

A LINGUAGEM COMO PRÁTICA SOCIAL

Ao abordarmos a linguagem como uma prática social, percebemos sua relação e interação, a partir da movimentação e articulação de ideias, assim como a constituição do discurso de uma sociedade por meio da relação dialética entre linguagem e práticas discursivas – reafirmando a relevância e as práticas sociais que denotam a transformação de um contexto.

A linguagem configura-se como uma prática social essencial no processo de formação do futuro educador, tendo em vista que é por meio do processo de interação na/pela linguagem que o homem se constitui como sujeito e, portanto, torna-se um multiplicador de ideias (BENVENISTE, 2008).

Constatamos, então, que não há comunicação verbal sem valores ideológicos, tendo em vista que toda prática discursiva sempre será persuasiva, evidenciando a centralidade da linguagem na vida social. Por isso, a importância do docente em nível médio refletir temáticas globalizadas, para que possa tornar-se um multiplicador de ideias a seus discentes. França (1994) ratifica que baseado na concepção de mudanças educacionais, a escola seja um espaço onde se possam promover tais observações e ponderações, visto que a configuração do espaço sempre foi importante para caracterizar a instituição escolar e a própria sociedade num determinado período, porque materializa as aspirações, conflitos e incertezas vividas.

Acreditamos que o espaço escolar se evidencia, portanto, como de suma importância para a inclusão de um trabalho diversificado e interdisciplinar, ao considerar iniciativas para que o processo pedagógico venha interferir em mudanças sociais. Com isso, sabemos que a origem deste ambiente se adequou ao longo do tempo, conforme as propostas culturais e sociais nas quais se está inserido, sendo que a educação como um todo visa sua qualidade e bem-estar.



Freire (2002, p. 22-23) é enfático ao afirmar que:

Se, na experiência de minha formação, que deve ser permanente, começo por aceitar que o *formador* é o sujeito em relação a quem me considero o *objeto*, que ele é o sujeito que *me forma* e eu, o *objeto* por *ele formado*, me considero como um paciente que recebe os conhecimentos conteúdos- acumulados pelo sujeito que sabe e que são a mim transferidos. Nesta forma de compreender e de viver o processo formador, eu, objeto agora, terei a possibilidade, amanhã, de me tornar o falso sujeito da “formação” do futuro objeto de meu ato formador. É preciso que, pelo contrário, desde os começos do processo, vá ficando cada vez mais claro que, embora diferentes entre si, quem forma se forma e re-forma ao for-mar e quem é formado forma-se e forma ao ser formado. É neste sentido que ensinar não é transferir conhecimentos

Salientamos que o professor deve estar em constante formação, nos mais variados temas, evidenciando a linguagem e prática discursiva, visto que muitas vezes o docente demonstra certa opinião e em sala de aula evidencia outra, impossibilitando uma formação crítico-reflexiva e cidadã ao discente.

Nesta perspectiva, Koch (1987, p.19) argumenta que a interação social por intermédio da língua(gem) caracteriza-se fundamentalmente, pela argumentatividade. Em consequência disso, vemos a todo instante a necessidade de reflexão sobre as práticas pedagógicas, bem como a prática discursiva do professor, para que o ensino-aprendizagem se torne um aliado do conhecimento de mundo do aluno, primando pelo resgate de valores socioculturais, por meio de uma relação dialética.

Denotamos então, que o ser humano, ao desenvolver sua opinião sobre determinadas temáticas e ao estabelecer suas representações de mundo, estará suscetível às diversificadas influências que decorrem por meio da linguagem, uma vez que a discussão permite a reflexão entre conhecimento e prática, proporcionando ao professor em formação nível médio um debate crítico- reflexivo, além da construção de um cidadão consciente de seu posicionamento e discurso.

Nessa perspectiva, Souza (2002, p. 16) ressalta que a linguagem é uma forma de ação social, possível de ser entendidas, a partir das manifestações linguísticas em uso, considerando-se determinados fatores como as convenções sociais, as intencionalidades e os elementos contextuais responsáveis pela significação dessa linguagem.



Percebemos, portanto, que a linguagem perpassa a todo instante pela prática social, à medida que seu uso possibilita a aplicabilidade no processo formativo da contemporaneidade, quando o docente multiplica sua reflexão sobre temas que geram preconceitos, amenizando discriminações que permeiam as ambiências escolares, por meio da relação dialética entre comunicação e linguagem.

CONCLUSÃO

Acreditamos que é de extrema relevância a compreensão da linguagem como prática social, por meio da qual promovemos mudanças sociais e, portanto, a linguagem configura-se como mediadora entre espaço educacional e a sociedade

Desse modo, a prática discursiva fomentada nas ambiências escolares, tanto para docentes, discentes e comunidade escolar, será fator importante para a mudança social, pois o discurso multiplicador e intervencionista poderá promover um ambiente transformador, gerando consciência de que há necessidade da reconstrução de valores e significações, para que tenhamos respeito e dignidade enquanto seres sociais.

A partir das reflexões acerca da linguagem como prática social é imprescindível que os cursos de formação de professores em ensino médio atuem em um diálogo constante entre professor formador e professor formando, esclarecendo e mediando dúvidas sobre as variadas temáticas da contemporaneidade, uma vez que o docente em nível médio será capaz de multiplicar, compartilhar e vivenciar práticas educacionais com seus educandos.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, Mikhail. Estética da criação verbal. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

BENVENISTE, Émile. Da subjetividade na linguagem. In: Problemas de Lingüística Geral I. 4. ed. Campinas: Pontes, 2008. [1. ed.: 1958].

FRANÇA, Lílian Cristina Monteiro, Caos - espaço - educação, São Paulo, ed. Annablume, selo universidade nº 21, 1994

KOCH, Ingedore G. Villaça. Argumentação e Linguagem. 2 ed. São Paulo. Cortez. 1987